

Comunicado da Presidência

Terceira Idade e Esperança de Vida: o Brasil no Cenário Internacional

Realização:

- **Milko Matijascic^{1 2}**
- **María Piñón Pereira Dias**

Brasília, 18 de setembro de 2008

¹Milko Matijascic é diretor do Ipea no IPC (Centro Internacional de Pobreza); María Piñón Pereira Dias é pesquisadora do Ipea no IPC (Centro Internacional de Pobreza); IPC (International Poverty Centre) é instituição de pesquisa em parceria com o Pnud.

² Cabe agradecer a colaboração de Roberto Nogueira e Sérgio Piola, da Diretoria de Estudos Sociais do IPEA.

Apresentação

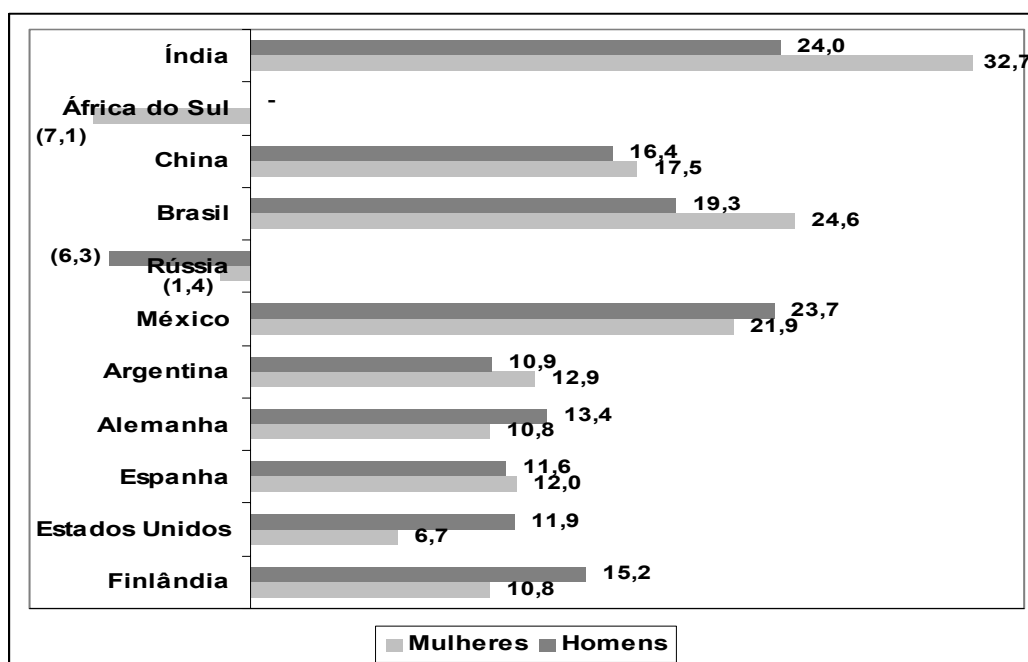
O Brasil está vivendo uma fase de otimismo. A confiança no futuro está aumentando, e a melhoria dos indicadores econômicos e sociais alimenta essa sensação de otimismo. Os idosos brasileiros também se beneficiam de uma série de aspectos positivos. Sem dúvida, o importante aumento da esperança de vida ao nascer é o indicador mais emblemático da tendência ao aumento de população idosa para as próximas décadas. A tabela 1 apresenta dados referentes à esperança de vida ao nascer.

Tabela 1 - Esperança de Vida ao Nascer

<i>País</i>	Mulheres			Homens		
	1970	1990	2006	1970	1990	2006
<i>Finlândia</i>	74	79	82	66	71	76
<i>Estados Unidos</i>	75	79	80	67	72	75
<i>Espanha</i>	75	81	84	69	73	77
<i>Alemanha</i>	74	79	82	67	72	76
<i>Argentina</i>	70	75	79	64	68	71
<i>México</i>	64	74	78	59	68	73
<i>Rússia</i>	73	74	72	63	64	59
<i>Brasil</i>	61	70	76	57	63	68
<i>China</i>	63	70	74	61	67	71
<i>África do Sul</i>	56	65	52	50	59	50
<i>Índia</i>	49	59	65	50	59	62

Fonte: Banco Mundial – WDI - World Development Indicators 2007. Elaboração Ipea.

Partindo de dados referentes à esperança de vida ao nascer, na tabela 1, o aumento da esperança de vida observado no Brasil é dos mais relevantes quando comparado a outros países, conforme aponta o gráfico 1, alinhando esses países numa ordem que respeita o IDH Índice de Desenvolvimento Humano elaborados pelas Nações Unidas para 2007.

Gráfico 1 – Aumento da Esperança de Vida entre 1970 e 2006 - %

Fonte: OMS – Organização Mundial da Saúde. Elaboração Ipea.

Nesse terreno, o desempenho brasileiro, quanto à evolução, pode ser comparado ao de países como a China ou a Índia. Isso para não falar da vantagem sobre a Rússia, que sofreu bastante com o fim da União Soviética, e sobre a África do Sul, com problemas sociais como elevados índices de incidência de AIDS. O avanço brasileiro também é positivo se comparado ao da Argentina, país da mesma área geográfica e que apresentou uma evolução similar à das sociedades mais desenvolvidas, como Estados Unidos, Alemanha, Espanha e Finlândia países que representam tipos diferenciados e paradigmáticos de economia de mercado com sistemas avançados de regulação via proteção social.

O otimismo não pode, porém, ser desmedido. Como se pode verificar na tabela 1, o Brasil de 2006 ainda apresenta índices inferiores ou similares de esperança de vida para os homens aos da Argentina ou o México em 1990 e esses índices são inferiores ao de países da Europa Ocidental há 35 anos. A evolução até aqui foi, sem dúvida, positiva, mas os ganhos com medidas profiláticas e alimentares simples deve cair. Evoluir, daqui para frente, vai ser um processo mais complexo. Isso significa que vai haver a necessidade de enfrentar novos desafios se a meta for a retomada do desenvolvimento do Brasil.

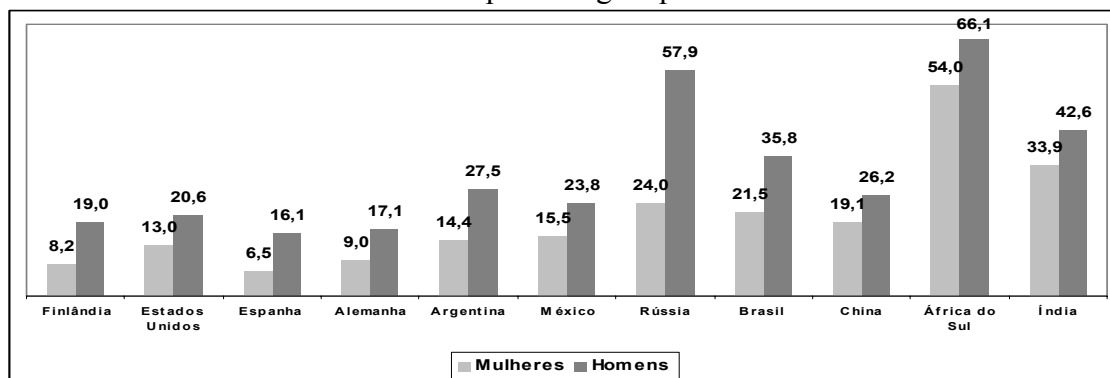
A questão do idoso está, há tempos, na ordem do dia. De fato, o envelhecimento é acelerado, quando comparado aos processos observados a países desenvolvidos nas décadas anteriores. O Banco Mundial aponta que haverá uma duplicação da população com 60 anos ou mais entre 2007 e 2025, no Brasil, ou seja, em dezoito anos. Esse aumento ocorreu ao longo de 140 anos na França e 86 na Suécia.

Os números falam por si. Não resta dúvida que a readaptação da infra-estrutura social e da própria sociedade representará um grande desafio, pois o envelhecimento

pressupõe demandas que atingem, por exemplo, a saúde e a previdência, sem falar nas alterações necessárias nas habitações e nas próprias cidades.

Mas, é bom esclarecer, o mero aumento da expectativa de vida não significa que todos irão atingir a velhice. Dados do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), apresentados no gráfico 2, apontam que mais de um terço dos homens brasileiros e mais de um quinto das mulheres nascidos entre 2000 e 2005 não vai comemorar o aniversário referente aos 65 anos de idade.

Gráfico 2 – Probabilidade de não atingir os 65 anos de idade –
Dados em porcentagem para 2003



Fonte: PNUD. Elaboração Ipea

Os dados apresentados no gráfico 2 indicam que a probabilidade de morrer antes dos 65 anos de idade, é alta no Brasil e supera a da China, país de renda *per capita* e desenvolvimento humano inferiores ao nosso. A distância em relação à Argentina e ao México também é elevada ao considerar que os patamares de renda *per capita* são apenas um pouco menores no Brasil.

O risco de morte prematura e imediata, que pode decorrer de problemas de saúde ou de causas externas como a violência, infelizmente, não é o único para quem deseja atingir a terceira idade. Vários obstáculos, relacionados a questões de doenças, sobretudo as crônicas e que evoluem lentamente, podem fazer com que a expectativa de vida saudável seja inferior à expectativa de vida total³. A tabela 2 apresenta o problema em sua dimensão descritiva.

Tabela 2 – Esperança de vida total versus esperança de vida saudável segundo gênero – dados em anos de vida para 2003

País	Mulheres		Homens	
	Total	Saudável	Total	Saudável
Finlândia	82	74	76	69
Estados Unidos	80	71	75	67
Espanha	84	75	77	70

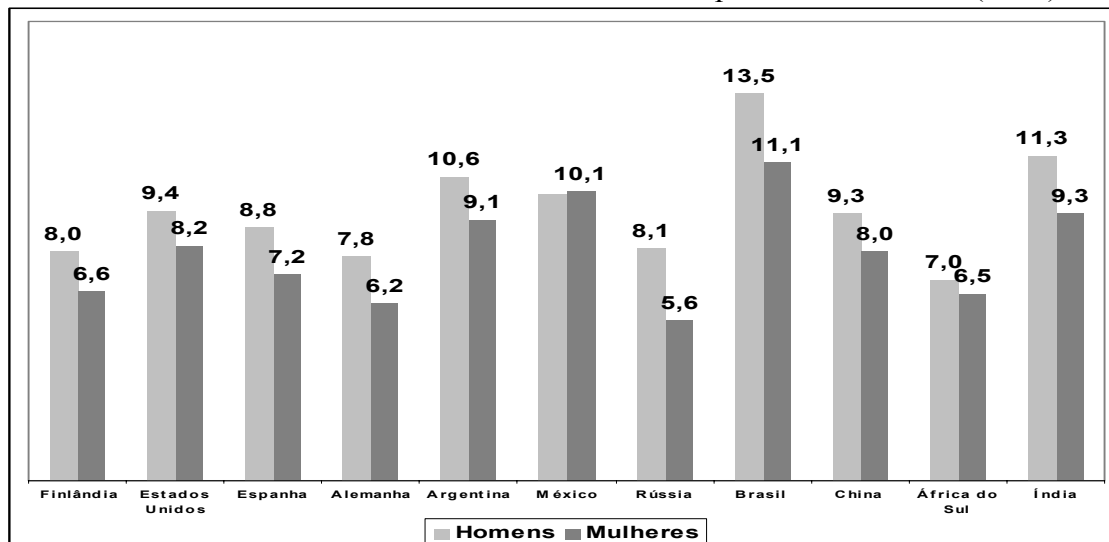
³ A esperança de vida saudável refere-se ao número médio de anos de vida que uma pessoa de determinada idade pode esperar viver com saúde, dado que prevaleçam as taxas de morbidade (incidência relativa de uma doença) e mortalidade naquela idade específica. A expectativa de vida ao nascer é composta pela quantidade de anos vividos, desde o nascimento até a morte.

Mais detalhes, favor consultar: CAMARGOS, M. C. S., PERPETUO, I. H. O., MACHADO, C. J. Expectativa de vida com incapacidade funcional em idosos em São Paulo, Brasil. *Revista Panamericana de Salud Pública*, v. 17, n. 5-6, p. 379-386, 2005.

<i>Alemanha</i>	82	74	76	70
<i>Argentina</i>	79	68	71	62
<i>México</i>	78	68	73	63
<i>Rússia</i>	72	64	59	53
<i>Brasil</i>	76	62	68	57
<i>China</i>	74	65	71	63
<i>África do Sul</i>	52	45	50	43
<i>Índia</i>	65	54	62	53

Fonte: OMS – Organização Mundial da Saúde. Elaboração Ipea

A tabela 1 revela, sem dúvida, que em todos os países a vida saudável é inferior à expectativa de vida total. Essas perdas parecem guardar uma proporcionalidade com a vida total. As diferenças ficam explícitas no gráfico 3, elaborado partindo dos dados apresentados na tabela 1.

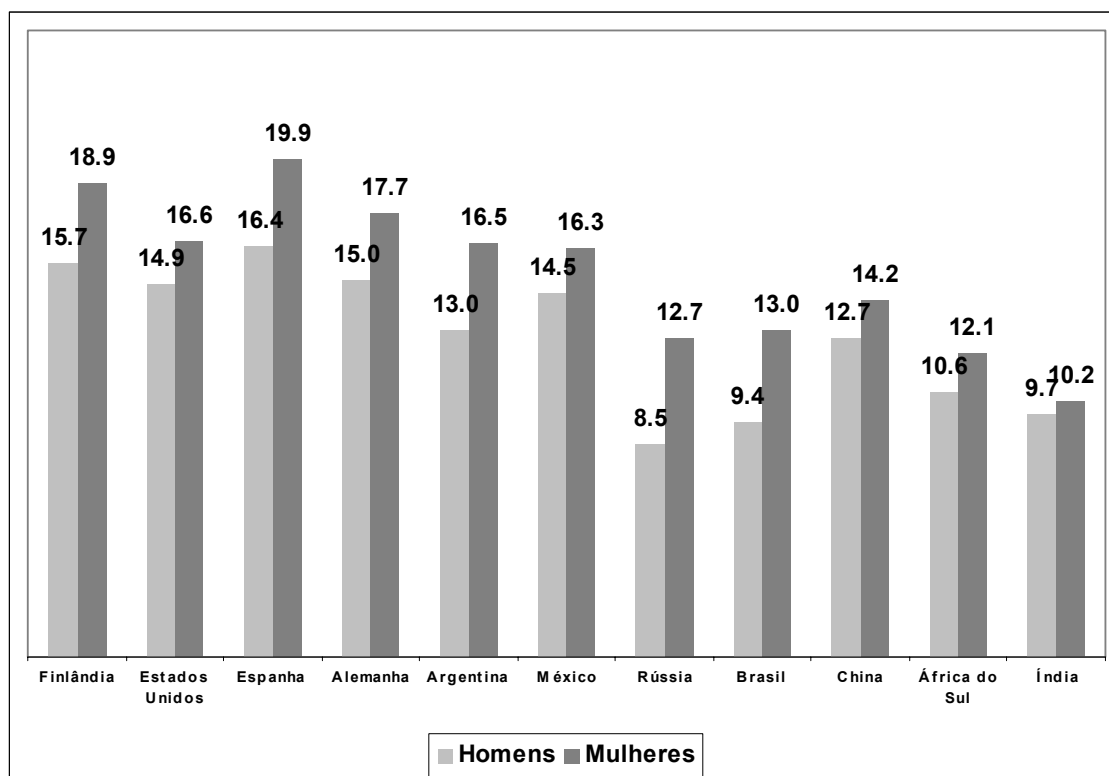
Gráfico 3 – Perdas de anos de vida saudáveis em países selecionados (2003)

Fonte: OMS – Organização Mundial da Saúde. Elaboração Ipea

Partindo dos dados do gráfico 3, é possível perceber que o Brasil é o país onde a perda de anos de vida saudáveis é mais elevada, fazendo com que uma parcela importante da população se torne dependente da família ou da sociedade. Cerca de 13,5 anos da vida dos homens e 11,1 anos da vida das mulheres deverão, para os nascidos em 2003, ocorrer em condições de vida precárias, gerando dependência para os hábitos mais comuns do cotidiano, o que, com frequência, deve gerar sofrimento para quem está doente e para os seus familiares. Isso pode implicar, ainda, em pressão sobre os gastos previdenciários, se houver a concessão de aposentadorias por invalidez e nos gastos com saúde. Assim, esse tipo de situação congrega fatores em que o sofrimento humano afeta a sociedade em múltiplas dimensões e causa problemas econômicos devido à perda da capacidade para trabalhar. Isso sem falar na necessidade de prover cuidados para quem perde a condição de vida saudável em termos de autonomia para as suas atividades cotidianas.

Mesmo para quem atingiu os 60 anos de idade, existe uma esperança de vida saudável menor em sociedades em desenvolvimento do que nos países mais industrializados, conforme aponta o gráfico 4.

Gráfico 4 – Esperança de Vida Saudável após os 60 anos de idade.
Em anos de vida para 2003 – valores aproximados



Fonte: OMS – Organização Mundial da Saúde. Elaboração Ipea

Partindo do gráfico 4, é possível observar que situações de vida mais precárias também reduzem a expectativa de vida saudável ao atingir idades mais avançadas, o que, certamente, implica em riscos financeiros para a seguridade social, sem deixar de enfatizar as dificuldades sofridas pelos cidadãos.

Os problemas em relação à competitividade do país não podem ser negligenciados. A vida saudável após os 60 anos no Brasil é bem inferior à de países mais desenvolvidos ou da Argentina e México. Uma política de desenvolvimento deverá levar em conta esse tipo de situação. Não é outra, aliás, a motivação para a adoção de medidas que previnam os riscos de acidentes, violência e perda de condições de vida saudáveis observados nas sociedades mais avançadas. Os custos com gastos sociais podem ser compensados por menores gastos com tratamentos médicos ou de pessoal para cuidar dos doentes. Isso para não mencionar a necessidade de realocação do orçamento doméstico para prover cuidados, reduzindo a renda disponível para o consumo. É muito difícil aferir como as famílias são afetadas num contexto em que existe a necessidade de assistir quem perde a condição de vida saudável.

É preciso ressaltar que os indicadores apresentados pela OMS e pelo PNUD são probabilísticos e são influenciados pelo comportamento do passado. Uma evolução positiva da situação geral, certamente, pode apresentar resultados melhores ainda para a presente geração.

Conclusão

Os dados apresentados não autorizam nenhum analista a revelar pessimismo ou ceticismo. A capacidade da sociedade brasileira em lutar e transpor desafios está clara e o Brasil serve de referência para um sem número de políticas públicas internacionais. Além disso, a crise energética, somada ao desenvolvimento de combustíveis alternativos, descoberta de novas fontes de petróleo, para não mencionar a recuperação do preço dos alimentos, revertendo uma tendência que vigia desde os anos 1930, coloca o país em condições muito vantajosas para enfrentar os desafios. É importante destacar que, em meio a anos de reduzido crescimento econômico, o país foi capaz de consolidar instituições com a adoção de políticas universais e, através delas, reduzir a pobreza e as desigualdades, gerando impulsos decisivos para a retomada do crescimento da economia e a reconstrução da nação.

É preciso, contudo, ponderar outros fatores. O aumento do número de anos de vida não saudável e da probabilidade de morte prematura têm uma série de consequências sócio-econômicas graves, tais como:

- Aumento do sofrimento humano tanto para aqueles que padecem da doença quanto para seus familiares, e conseqüentemente para a sociedade de forma geral;
- Redução da geração de riqueza, uma vez que a pessoa fica impossibilitada de trabalhar e pode requerer atendimento integral por parte de outras pessoas;
- Aumento de despesas da saúde e previdência com casos de morte prematura e invalidez temporária ou permanente.

É importante analisar com cuidado quais são os desafios que estão à frente, lembrando que o aumento da esperança de vida saudável só será possível com melhorias nas condições de trabalho, de transporte, de moradia, melhoria na qualidade da educação das famílias e eficientes políticas públicas de saúde preventiva.

Diante desse quadro é chegado o momento de utilizar os ativos para promover a construção de uma sociedade mais justa, condição imprescindível para o desenvolvimento. Os argumentos apresentados alertam para a necessidade de construir um Estado que seja capaz de intervir para garantir maior equidade, aprofundando as iniciativas existentes e gerando condições que possam se traduzir em maior competitividade. Isso sem esquecer os imperativos da sustentabilidade do meio ambiente, em que cabe ao Brasil um papel da maior importância. Esses dados revelam que é preciso cuidar melhor da população para que o país possa finalmente desenvolver suas potencialidades.

Nesse sentido, a intervenção estatal precisa garantir que o mercado possa gerar a máxima vantagem social. Essa atuação evita problemas e gera o melhor ambiente possível para a produção com a incorporação de todos os trabalhadores às relações de trabalho típicas da modernidade. O processo já foi iniciado, mas o seu sucesso somente poderá ser aferido quando os idosos do futuro puderem olhar para trás e reconhecer que houve progresso em relação à de seus antepassados e ter a esperança que os seus sucessores possam dizer o mesmo.

Metodologia

As fontes primárias deste levantamento foram organizados pela OMS (Organização Mundial da Saúde), Banco Mundial e PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). Vale ressaltar que os dados internacionais elaborados por instituições multilaterais são executados por profissionais de alta reputação e permite a comparação entre países.

Os indicadores utilizados por organizações internacionais são fornecidos por autoridades de cada país e a metodologia de cálculo dos indicadores pode, eventualmente, não coincidir com os dados ou metodologias de um país para outro.

Mas são dados aceitos internacionalmente e usados pelos organismos ligados à ONU (Organização das Nações Unidas), assim como institutos de pesquisa governamentais, públicos ou privados e toda mídia mundial.